

História, cidade e memória: as transformações urbanas na cidade de Campo Maior-PI (1940-1980)

*Pauliana Maria de Jesus*¹

Resumo: O presente trabalho analisa algumas transformações urbanas no município de Campo Maior-PI entre o período de 1940 a 1980, haja vista que durante esse recorte temporal a cidade alcançou certo nível de desenvolvimento econômico impulsionado pela economia da cera de carnaúba e pela intensificação do comércio. O referido desenvolvimento é perceptível com a chegada de alguns equipamentos, à época, considerados modernos entre os quais estão: a energia elétrica, o abastecimento de água encanada, além de iniciativas do poder público que visavam tornar a urbe mais bela e saneada, através do alargamento e calçamento de ruas e avenidas, e arborização das principais praças. Diante do exposto pretende-se identificar como ocorreram essas transformações e entender os conflitos existentes entre o poder público e aqueles que foram afetados por essas mudanças na cidade, também se buscou compreender quais as justificativas para essas reformas. A pesquisa teve como referências obras que abordam sobre cidade cujos autores de apoio são: Bermam (1989), Le Goff (2004), Calvino (1989), Nascimento (2015) e Lucília Delgado (2010). A metodologia ocorreu através da análise e interpretação crítica de algumas fontes como: projetos leis, imagens, dados estatísticos do IBGE, e contou ainda com o apoio da metodologia da História Oral através de entrevistas.

Palavras-chave: História; Cidade; Memória; Campo Maior; Transformações.

Abstract: The present work analyzes some urban transformations in the municipality of Campo Maior-PI between the period from 1940 to 1980, given that during this time the city reached a certain level of economic development driven by the economy of carnauba wax and by the intensification of the trade. This development is noticeable with the arrival of some equipment, at the time, considered modern among which are: electric power, water supply piped, as well as initiatives of the public power that aimed to make the city more beautiful and sanitary, through enlargement and pavement of streets and avenues, and afforestation of the main squares. In view of the above, we intend to identify how these transformations took place and to understand the conflicts between the public power and those affected by these changes in the city, we also sought to understand the justifications for these reforms. The research had as references works that approach about city whose authors of support are: Bermam (1989), Le Goff (2004), Calvino (1989), Nascimento (2015) and Lucília Delgado (2010). The methodology was based on the analysis and critical interpretation of some sources such as: laws projects, images, IBGE statistical data, and also had the support of Oral History methodology through interviews.

Keywords: History; City; Memory; Campo Maior; Transformations.

History, city and memory: The urban transformations in the city of Campo Maior-PI (1940-1980)

¹Mestranda em História do Brasil, pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2016-2018), graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí –UESPI (2013), Especialista em História e Cultura Afro Brasileira-NEAD-UESPI (2015). E-mail: paulianadejesus@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar como ocorreram algumas transformações urbanas em Campo Maior que na década de 40 a 80 do século XX passava pelo discurso do poder público municipal de deixá-la mais bela, saneada e limpa. Identificou-se que as transformações na cidade ocorreram de forma diversa e em ritmo diferente das reformas urbanas das grandes cidades e metrópoles a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. O processo de modernização nessas cidades se deu um pouco antes, e tinha como perspectiva imitar as reformas urbanas ocorridas nas grandes cidades europeias, representadas por Londres e Paris no século XIX, que sofreram amplas reformas e transformações urbanísticas impulsionadas pelo desenvolvimento do capitalismo e das grandes indústrias que atraíam um grande contingente de pessoas para as cidades em busca de trabalho e melhores condições de vida. Com efeito, nessas cidades a urbanização e modernização ocorreram em ritmo muito frenético e ao mesmo tempo trouxeram vários problemas sociais para as mesmas como a presença das multidões nas ruas, a falta ou má qualidade de moradia, desemprego, conflitos entre as classes etc. (BRESCIANE, 1989).

Compreende-se que as reformas urbanas em Campo Maior ocorreram em ritmo lento, chegando de forma tardia. Até final de 1950, a cidade ainda não contava com o sistema de abastecimento de água encanada. As pessoas de posses tinham um poço tubular nos seus quintais, enquanto a maioria das residências eram servidas com água de forma bem precária, a população tinha que ir pegar água nos poços do açude grande ou compravam latas d'água nas portas de suas moradias cujo transporte era feito através de carroças ou pelas "roladeiras"², além disso, a maioria das ruas não eram calçadas nem iluminadas, era comum a presença de animais soltos nas principais ruas, segundo seu Manuel Gomes de Holanda (2016) muitos desses animais eram usados como meio de transporte.

O município de Campo Maior está localizado a 84 km da Capital de Teresina, no estado do Piauí, possui uma extensão territorial de 1.635,713 km², atualmente tem em média uma população de aproximadamente 45 mil e 177 habitantes, considerada como uma das mais antigas cidades onde se instalou as primeiras fazendas de gado, atividade econômica que possibilitou a implantação das primeiras vilas e povoamentos civilizatórios no estado.³ Campo Maior como muitas cidades do Piauí teve seu povoamento por volta do final do século XVII

² Instrumento parecido com um barril feito de flandres, ou alumínio onde depositavam água em seu interior.

³ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Dados Demográficos. Econômicos, Políticos e Sociais. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em 15 de nov. 2016.

através da expansão das fazendas de gado, foi elevada à categoria de vila no dia 08 de agosto de 1762 pelo governador João Pereira Caldas. Durante o primeiro governo republicano por força do decreto estadual nº 1, de 28 de dezembro de 1889, instituído pelo governador Taumaturgo de Azevedo, a vila foi elevada à categoria de cidade (LIMA, 1996). No entanto, o ritmo de crescimento e modernização da cidade ocorreu de forma gradativa e atrelada às mudanças que ocorriam no contexto global, ou seja, atrelada a fatores externos.

A modernidade como afirma Marsham Bermam (1989) oferece uma vida de paradoxos, conflitos e ambiguidades, pois a mesma é alimentada por organizações burocráticas e com o poder de interferir no destino de muitos teriam a capacidade “de destruir tudo o que temos e o que somos”. A modernidade faz parte e vem sendo impulsionada pelo desenvolvimento e expansão do sistema capitalista, fundamentado pelas inovações e descobertas científicas e tecnológicas que através do discurso do progresso e desenvolvimento prometem o conforto, a comodidade, o crescimento, a inovação e a perspectiva de sempre lucrar e lucrar cada vez mais. Entretanto, nem todos desfrutam do doce mel prometido pela modernidade, ao contrário só veem o lado da amargura, do trabalho árduo, da falta de moradia, da destruição e da incerteza do amanhã.

Algumas mudanças em Campo Maior foram representadas pela chegada de alguns “equipamentos modernos” para época como: a luz elétrica, o abastecimento de água encanada, a construção de prédios modernos, arborização de praças, calçamento poliédrico e alargamento de ruas, bem como pelo sentimento de perda representado pela memória e pela saudade de seus habitantes que através de seus relatos memorialístico mostram uma cidade que existiu no passado e com o tempo foi adquirindo um novo aspecto. Nisso percebe-se como a urbe surge e flui das recordações de seus narradores, pois nem tudo foi apagado e assim:

A cidade não conta seu passado ela o contém como as linhas das mãos, escrito nos ângulos das ruas, das grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes e esfoladuras (CALVINO, 1972, p.07).

Muitas coisas mudaram no município, outras permaneceram e isso é perceptível através de alguns prédios e casas do século XVIII localizados no centro histórico da cidade que retratam o período relativo ao passado áureo da economia do gado. Na década de 1970 Campo Maior passou por transformações bem significativas com o crescimento populacional, a construção de obras “apoteóticas” como o mercado municipal, a construção do Palácio das

Carnaúbas- nova sede da prefeitura- e construção do terminal rodoviário Zezé Paz. Ao tempo que o prefeito Jaime da Paz (1971-1973) e posteriormente Dácio Bona (1973-1977) trazia essas inovações para a cidade havia discursões sobre o seu caráter destruidor, uma vez que muitos prédios de valor arquitetônico e simbólicos para a história e memória iam sendo demolidos para dar configuração às obras modernas erigidas nesse período.

1.1 A cidade da memória: um olhar sobre o processo de transformações urbanas em Campo Maior-PI

Para Maurice Halbwachs (2003) existe uma grande relação entre a memória individual e coletiva, posto que as lembranças dos sujeitos são constituídas no interior do grupo, com efeito, objetiva-se mostrar as experiências dos sujeitos e suas recordações sobre o processo de urbanização da cidade, tentando trazer para o âmbito da pesquisa histórica o cotidiano desses sujeitos, as motivações que os trouxeram para a urbe e perceber como os mesmos experimentaram essas transformações que ocorriam em suas vidas enquanto moradores de Campo Maior, pois quem trabalha com as fontes orais tem o privilégio de dialogar com sua fonte e entender que a história não se traduz apenas na narração cronológica de fatos históricos, e sim de narrações de experiências de pessoas que tem sentimentos, paixões, decepções, frustrações e lutas pela sobrevivência através de muito trabalho. Para Paul Thompson (1992, p.197) “toda história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

A memória tem a capacidade de trazer para as pesquisas históricas as experiências vividas pelos entrevistados, fatos ocultos e omissos pelos documentos oficiais, o objetivo não é tratar a fonte oral como um testemunho de verdade, mas como uma fonte suscetível de interpretação das falas dos sujeitos através de sua subjetividade e entender como os mesmos perceberam algumas mudanças no espaço urbano e como assimilaram isso. Para Lucília Delgado (2010) “a memória é uma construção sobre o passado atualizada no tempo” assim os relatos estão sujeitos de formações, acréscimos, omissões etc. por seu turno, esses fatores nos fazem compreender que a fonte oral não é menos importante que outras.

Nesse sentido, a metodologia da história oral deu suporte à pesquisa através da realização e análise de entrevistas feitas com alguns habitantes de Campo Maior, cujo objetivo foi perceber como os entrevistados representam algumas transformações urbanas na

cidade, tentando entender como isso afetou de alguma forma os entrevistados a seguir: José Airton Mendes Silva (2016), Manuel G. de Holanda (2016), João Alves Filho (2017), Raimundo Cardoso B. Silva (2017), Raimunda Fonteneles (2017)⁴. O critério de escolha dos entrevistados levou em consideração a idade dos sujeitos que viveram o cotidiano de transformações e mudanças, pois a memória apesar de pertencer ao indivíduo está em constante diálogo com a memória coletiva (HALBWACHS, 2003). A outra motivação para trabalhar com os relatos orais está relacionada ao fato de que as lembranças trazidas pela memória dos entrevistados estão impregnadas de representações da realidade, onde a memória dos mais velhos “pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado” (BOSI, 2003, p.15). Portanto reconhece a memória oral como uma fonte suscetível de análise crítica e interpretação, que faz intervir pontos de vistas contraditórios, sendo que cabe ao pesquisador analisar esses aspectos latentes e perceber os conflitos e representações que fluem dessas fontes.

1.2 A importância do extrativismo da cera de carnaúba para o desenvolvimento econômico da cidade

De acordo com Teresinha Queiroz (2006) o início do século XX foi marcado por um período de muita prosperidade econômica para o estado do Piauí, por conta da economia extrativista, tanto em relação à exploração da borracha de maniçoba como também através da exploração da cera de carnaúba, haja vista que “na década de 40, no auge das exportações, as receitas públicas chegaram a ser compostas, em cerca de 70% de impostos cobrados sobre a cera” (QUEIROZ, 2006, p.45). Isso também repercutiu em Campo Maior que é uma região onde existe uma quantidade expressiva da carnaúba (*Copernicia prunifera*), fato que gerou o título de “Terra dos carnaubais”.

Outo fator relevante para as transformações urbanísticas no município está atrelado às mudanças político-social propostas pela revolução de 1930 e consolidadas pelo golpe de 1937 por Getúlio Vargas, que tinha como objetivo romper com a chamada República Velha e concretizar uma nova forma de governo de caráter centralizador e autoritário. Getúlio Vargas usava modernos meios para manter-se no poder e alcançar seus objetivos, investindo no

⁴ Ressalta-se que as entrevistas fazem parte do projeto de construção de fontes orais para a serem usadas com fins acadêmicos e na produção da dissertação de mestrado da autora e que as falas dos sujeitos permanecem fidedigna aos áudios e a linguagem dos entrevistados para evitar a distorção do sentido e significado da fala dos mesmos. (THOMPSON, 1992)

controle da imprensa através da censura, divulgação e propaganda positivas de seu governo, também investiu na educação com a construção de escolas e instituição de algumas leis trabalhistas.

De início, o Piauí será integrado ao projeto de Getúlio Vargas por intermédios dos interventores do estado, primeiramente por Landri Sales (1931-1935) e depois por Leônidas Melo (1937-1945) que se manifestaram totalmente adepto ao novo regime de governo. Conforme Francisco Alcides do Nascimento (2015) esse período foi seguido da modernização da polícia e dos meios de comunicação como rádio, com isso, visava ter um maior controle social e difundir as ideologias do governo. Também foi acompanhado de forte censura e autoritarismo diante de seus opositores “que seguiu uma tendência iniciada em 1931, com a criação do Departamento Oficial de publicidade, e criando, em 1934, o Ministério da justiça e o Departamento de propaganda e Difusão cultural (DPDC)” logo depois foi criado o Departamento de Imprensa e Publicidade (DIP). De acordo com Nascimento (2015) o DIP:

Se encarregou de construir, divulgar e, de certa maneira, impor a imagem do estado Novo e, mais especificamente, a do presidente. Mas o DIP também foi responsável pela censura estabelecida em todos os meios de comunicação e produção intelectual e divulgador/ organizador das atividades relacionadas com a manifestações cívicas e populares. (NASCIMENTO, 2015, p.52).

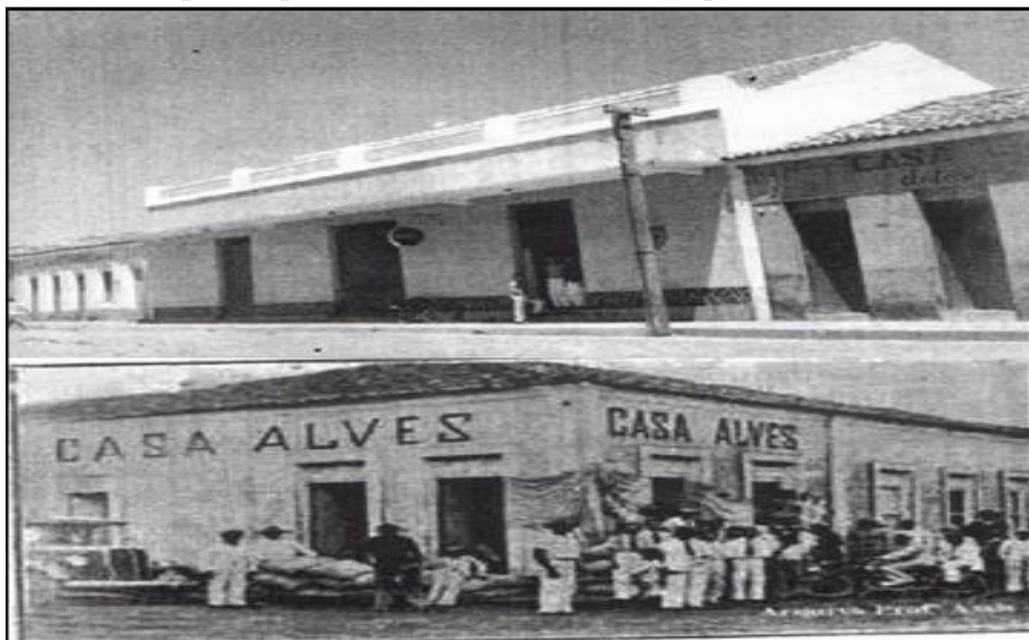
Essas iniciativas tinham como objetivo manter o controle sobre a nova ordem estabelecida e provocar uma maior aceitação do projeto Varguista. Durante esse período as ações municipais estavam atreladas ao projeto modernista e autoritário do Estado Novo, muitas dessas propostas provocaram choques de interesse entre os que apoiavam o regime e seus opositores, pois as medidas do prefeito Francisco Alves, aliado ao regime ditatorial se chocavam contra os interesses dos “coronéis dos carnaubais” e fazendeiros locais, umas dessas medidas que ensejou muitos conflitos e demandadas judiciais estava na desapropriação de uma grande faixa de terra de carnaubais “compreendidos numa equidistância a partir da igreja de Santo Antônio num raio de seis quilômetros” (LIMA, 1995, p.143).

A atitude autoritária do prefeito provocou a insatisfação dos “pseudos” proprietários das terras que também tinham bastante influência política, mas não foi suficiente para conter o projeto de Francisco Alves Cavalcante que obteve total apoio de Landri Sales Interventor do Estado na época.

Para Pereira (2015) a medida que a cera foi se valorizando, foram chegando vários comércios que se destinavam a compra de produtos para exportação, dentre os quais se

destacaram, as empresas estrangeiras e de comerciantes locais, tais como: a Casa Inglesa, Marc Jacob, Casa Morais, Casa Alves do prefeito Francisco Alves que se destacavam no comércio local e era responsável pela intermediação da venda de diversos produtos, além dos produtos que eram explorados na região como o tucum, a cera de carnaúba, o couro de boi etc.

Foto 01: No plano superior está a Casa Marc Jacob, e na parte inferior a Casa Alves



Fonte: Autor desconhecido, 1934 (LIMA, 2007).

1.3. Urbanização, modernização e crescimento de Campo Maior

Compreende-se que na década de 30, apesar das ações do prefeito Francisco Alves Cavalcante através de investimentos em calçamento de ruas, arborização das praças e iluminação das principais ruas, Campo Maior ainda permanecia com um aspecto rural, pacata e portuguesada com seus prédios e casarios característico do período colonial. Isso porque a própria formação histórica tem origem na criação de gado, nas primeiras fazendas em torno da cidade, pois conforme Cláudio de Melo (1989) no início de sua colonização Campo Maior possuía mais de 59 fazendas.

Imagem 02: Centro histórico da cidade em 1934, em destaque alguns prédios públicos.



Fonte: Autor desconhecido, foto do acervo de Marcos Paixão.

A imagem nº 02 mostra onde ficava o “coração da cidade” no período de 1934, em destaque de vermelho, a igreja matriz de Santo Antônio; de azul, o antigo mercado, localizado na praça Coronel Miranda; de laranja, a igreja Nossa Senhora do Rosário; e a seta amarela, o cemitério da Irmandade Santo Antônio, que atualmente encontra-se desativado, pois com o desenvolvimento da cidade, esse cemitério localizado entre as “ruas Padre Benedito Portella” e “Cel. Eulálio Filho” ameaçava a “saúde pública” com o risco de surto de epidemia a população da cidade”⁵ necessitando, portanto da construção de um novo cemitério mais afastado do centro. Também percebe-se uma quantidade razoável de casas em grandes lotes de terras, localizadas na avenida José Paulino e nas praças Bona Primo e Rui Barbosa, bem como, as ruas Demerval Lobão que ainda estava em processo de expansão, a maioria das ruas não estavam calçadas, nem estavam ordenadas e alinhadas. Além disso, observa-se na foto o rio Surubim que corre na frente da igreja de Santo Antônio, sem a construção da ponte de concreto. Assim, o perímetro urbano da cidade estava limitado a esse espaço representado da figura, onde estavam situadas as principais instituições: a igreja, o mercado, a prefeitura e os comércios. Ainda assim a cidade era pequena e faltava vários fatores para considerá-la como próspera e moderna.

⁵ CAMPO MAIOR, Projeto lei nº 50 de 1949, que abre crédito para construção de um novo cemitério no bairro São João, Campo Maior, 01 de fevereiro de 1949.

Campo Maior, apesar de ter passado por muitas transformações continua tendo como fonte de receita o gado, a cera e o comércio, no entanto houve período de ascensão e retração em seu desenvolvimento. Conforme Pereira (2015) Campo Maior entre 1930-1945 assistiu um grande período de inovações e modernização, com a alta da cera houve grande prosperidade econômica ao município, possibilitando muitas intervenções na cidade através da construção de prédios modernos, com lajes e dois andares como os dos Correios na década de 1940, o Banco do Brasil (1940), outras ações se deram no sentido de embelezamento e iluminação das praças Rui Barbosa e Bona Primo. O relato de João Alves (2017) explicita como foram ocorrendo algumas mudanças na cidade, principalmente no que diz respeito ao comércio, com a instalação de casas comerciais que vendiam até automóveis mostrando certo grau de desenvolvimento que ela foi alcançando a partir da década de 40.

A transferência do comércio daqui para avenida Demerval Lobão e Avenida José Paulino[...] foi transferido para lá, por causa do prédio dos correios que atraiu na década de 30 o Banco do Brasil, fundado em 1941, em 1939 foi levantado, em 1941 passou a funcionar a agência [...] a cidade foi se aglomerando e aumentando, e com a construção do Ginásio Santo Antônio em 1948, o Campo Maior Clube em 1946, a cidade começou a se avolumar e o comércio começou a crescer e naturalmente teve uma evolução muito grande na economia de Campo Maior com a valorização da cera e com a chegada da Casa Inglesa em Campo Maior que vendia inclusive automóveis, caminhonetes, tratores, e a chegada da casa Marc Jacob, tudo na década de 1940, 1950 e a chegada da Casa Morais SA que era especialista em compra de cera e a Casa Alves[...] portanto, esse povo se alocou toda naquela região pra li. Então aquela região foi desenvolvendo, foi deslançando até a praça da Bandeira, e hoje aquilo que era residência, como é o caso da avenida José Paulino, na rua Benjamim Constante, até por toda essa rua Siqueira Campos, bem aqui ao lado do Mercado, essa rua Senador José Eusébio deixaram de ser residências. (ALVES FILHO, 2017)

O entrevistado João Alves (2017), apesar de não ter presenciado de perto como uma testemunha ocular da maioria dos fatos narrados, considerando que ele nasceu no ano de 1944 na cidade de Campo Maior, e a edificação e chegada de alguns órgãos públicos e comércios tenham acontecidos antes de seu nascimento, percebe-se que seu relato oral acontece de forma convicta, numa exposição de datas exatas ao acontecimento, além disso, após verificar fontes oficiais constatou-se que as informações condizem com a entrevista do mesmo, a explicação para isso, pode estar ligado ao fato de João Alves ter assimilado algumas informações através de relatos orais repassados por seus pais, avós, vizinhos ou mesmo, por meios oficiais. De acordo com Michel Pollak (1992) existe a memória vivida onde a pessoa lembra de acontecimentos que ela realmente vivenciou e participou, mas também existe a memória

vivida por tabela que “são acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK,1992, p. 2). Nesse caso, pode ocorrer um fenômeno de projeção com determinado passado, por meio da socialização política e histórica.

Apesar de não ter presenciado a fundação de comércios e prédios públicos, o entrevistado representa do seu ponto de vista como ocorreram algumas mudanças na cidade a partir da edificação de alguns prédios modernos para época, e como ocorreu a expansão do comércio para outras avenidas da cidade entre os períodos de 40 a 50. Isso revela o caráter contraditório do processo de modernização da cidade uma vez que:

A cidade está sempre em movimento. Um movimento que é impossível de ser percebido na sua totalidade e que não tenha talvez um sentido comum. Ou as coisas ou os homens mudam. A fragmentação toma conta da cidade moderna na medida que cresce nela a ideia de sempre aperfeiçoá-la. Ela não cessa, então de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. A imagem que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o velho e o novo ganha dimensões incríveis (RESENDE, 1997, p.24)

Compreende-se que o processo de mudanças da cidade provocou alguns embates e discussões entre: destruir para desenvolver; ou permanecer para preservar; e guardar a memória histórica da cidade, pois algumas famílias mais abastadas que moravam nas ruas localizadas no centro, foram se mudando para chácaras afastadas, e outros moradores de menor poder aquisitivo foram se deslocando para os bairros periféricos em função do desenvolvimento do comércio.

Durante esse período em Campo Maior houve a preocupação em deixar a cidade mais bela, saneada, havia a proposta de alargamento de ruas assim como ocorreu em Paris através da construção dos Bulevares por Georges-Eugène Haussmann, largamente conhecido apenas como Barão Haussmann- o "artista demolidor", foi prefeito do antigo departamento do Sena, entre 1853 e 1870 (PESAVENTO, 2002). As mudanças que ocorreram em Campo Maior mostram o desejo do poder público em torná-la um espaço mais racionalizado e civilizado para atender a classes burguesas emergentes e favorecidas com comercialização da cera de carnaúba e outros produtos, pois como foi citado anteriormente, o comércio que funcionava no entorno da igreja Santo Antônio foi transferido para as avenidas Demerval Lobão, José Paulino e Senador José Euzébio que foram projetadas de forma mais largas e arborizadas para maior circulação do trânsito e embelezamento da cidade. (PONTE, 1993)

Essas transformações ocorreram conforme os diferentes usos da terra, devido ao crescimento populacional e às necessidades do comércio, haja vista que as antigas ruas ao entorno da igreja de Santo Antônio eram estreitas e conservavam casas com arquitetura do período colonial, onde houve resistência de algumas famílias que queriam preservá-las como um patrimônio histórico da cidade, mas com o crescimento urbano era necessários a construção de ruas mais largas e comércios com estilos mais modernos, dessa forma, as transformações na cidade se classifica naquilo que Lobato Corrêa (2003) afirma sobre a produção do espaço urbano, no qual o capitalismo atua sendo responsável pelo impulso das diferentes transformações na cidade que através de seus diversos usos:

Definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma de conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para a futura expansão (CORRÊA, 2003, p.07).

As transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo na cidade de Campo Maior revelam alguns desses aspectos, pois nos seus primórdios foi sendo construída devido à necessidade do comércio do gado, ou seja, das primeiras fazendas e pelo levantamento da primeira capela em homenagem a padroeiro Santo Antônio. Ainda hoje se percebe nos traços arquitetônicos do centro histórico a marca desse período colonial que também orgulha seus moradores devido seu passado relacionado a presença e origem portuguesa.

No relato a seguir, através da percepção do entrevistado José Airton Mendes Silva (2016) é possível perceber como a cidade ainda apresentava um aspecto “tímido” em termos de números de habitantes, mas depois foi crescendo através da construção de novos bairros. Isso se aplica a afirmação de Housso (2005, p.94), onde a memória “constitui um elemento essencial da percepção de si e dos outros”.

Nessa época, parece que não tinha o escritório do IBGE um órgão para ver a quantidade da população, mas pelo que via aqui na cidade, talvez fosse uma cidade de cinco mil habitantes, eu tô achando que fosse cinco mil, por que existia cinco mil? porque não existia o bairro Cariri[...] quando eu cheguei aqui, aquilo ali era um mar d’água no período do inverno que teve aí no período de 59,60 eu tive aqui, eu cheguei no ano de 59, era um lago aquilo ali, depois a coisa mudou, não sei se foi algum desvio de água, se faltou algum inverno, aí começaram a construir, construir e tá lá! um bairro bem povoado[...] ali é um bairro muito grande, a população soma muito, é um bairro muito grande[...] outro bairro do outro lado é o Matadouro aquilo ali, eu conheci ali, você podia contar dez casas ali, aí tinha o prédio onde fazia o abatimento de gado para abastecer a cidade né? O outro que é bastante

povoado é o FRIPISA, eu conheci só existia o prédio do FRIPISA, no ano de 68, 69 por aí [...] (SILVA, 2016)

Seu José Airton Mendes da Silva (2016) através de suas lembranças mostra como ele recorda de Campo Maior no final da década de 50, de acordo com o mesmo era uma cidade pequena, pouca povoada, cujos bairros como o Cariri, o Matadouro e o Fripisa, atualmente bem populosos, na época eram praticamente desabitados. O bairro Cariri, um dos bairros mais populares da cidade, era praticamente uma lagoa, onde as condições de saneamento básico até a década de 80 praticamente eram inexistentes e ainda estava em processo de formação, mas compreende-se que o entrevistado usou a sua experiência de vida e sua percepção para dar um diagnóstico da quantidade aproximada de habitantes na cidade e nos principais bairros constituídos hoje. O relato de seu Airton Mendes é de suma importância para perceber sobre como a urbanização da cidade não se deu de uma hora para outra, mas foi lenta e aliada a diferentes fatores. Para Thompson (1992, p. 185) “a construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo”

Os dados do IBGE mostram como ocorreu um processo de expansão e crescimento de Campo Maior entre os períodos de 1940 a 1980. Como já foi analisado anteriormente, o comércio da Cera de Carnaúba contribuiu muito para aumentar receitas da cidade e trazer diversas melhorias urbanas na década de 1930, também a tornou mais atrativa para migrantes que vinham em busca de emprego e uma vida melhor, ou foram empurrados por momentos de crises econômicas e naturais em outros estados, posto que havia na cidade muitos migrantes vindo do Ceará e do Maranhão, inclusive existe uma predominância de pessoas naturais do Ceará na cidade, entre o total de 8 entrevistados 5 são provenientes do Ceará⁶. Ao indagar seu José Airton Mendes Silva (2017) sobre as suas motivações para vir morar em Campo Maior, ele disse que veio morar na cidade com a promessa de um emprego no DNOCS, que seria arrumado por alguns amigos que já moravam em Campo Maior:

Quando eu vim para cá, foi porque me prometeram um emprego, inclusive eu deixei para trás[...] e quem me trouxe pra cá, foi um prefeito falecido, ele era muito meu amigo[...] fiquei aguardando, não surgiu emprego até hoje, não apareceu, até hoje, não chegou! aguardei, aguardei e sempre me alimentado que aquele emprego ia sair um dia e aí terminou não saindo e trabalhei em outros trabalhos, eu trabalhava de mecânico e era auxiliar e montador (SILVA, 2016)

⁶ Reitera-se que a pesquisa faz parte da construção da dissertação de mestrado, no entanto alguns entrevistados não foram citados nesse trabalho.

Conforme seu Airton Mendes Silva (2016) naquela época todo mundo tinha o sonho de trabalhar no Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), na Companhia ferroviária (RVC), e nos correios, porque após receber o primeiro salário a pessoa já era um funcionário Federal, naquele tempo não tinha “esse negócio de concursos público não” (SILVA, 2016). Conforme os relatos dos entrevistados muitos vieram para Campo Maior em busca de emprego como se pode perceber no relato de Manoel Gomes de Holanda (2016) natural do estado do Ceará. Em seu relato sua família veio embora para cá “porque a crise lá, tava muito ruim, por causa da seca, aí foi obrigada a vir embora todo mundo”⁷.

Conforme dados fornecidos pelo IBGE, compreende-se que a cidade de Campo Maior teve um aumento expressivo, lembrando que está se levando em consideração a realidade na sua população urbana entre os períodos de 1940-1980 como é possível perceber na tabela 01:

Tabela 01- Crescimento populacional de Campo Maior entre 1940-1980

| Crescimento populacional de Campo Maior-PI | | |
|--|-----------------|------------------|
| Ano | População total | População Urbana |
| 1940 | 30.195 | 3.689 |
| 1950 | 39.927 | 6.992 |
| 1960 | 56.120 | 13.849 |
| 1970 | 61.549 | 18.400 |
| 1980 | 67.700 | 23.990 |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Censos Demográficos de 1940-1980.

Pela tabela nº 01 percebe-se que no intervalo de dez anos a população do município de Campo Maior foi se multiplicando quase que em dobro, no período de 1940 a 1950 a taxa de crescimento da população urbana foi de 89,53%, em 1950 a 1960 foi de 98,06%, já de 1960 a 1970 houve um decréscimo no número de habitantes que variou numa média de 30%, no entanto, se levarmos em consideração o período de 1940 a 1980 a taxa de crescimento foi de 550,30%, ou seja, o crescimento foi muito expressivo, levando em conta que Campo Maior é uma cidade do interior do Piauí e não existe a presença de grandes indústrias.

Os motivos para alta na taxa de crescimento populacional entre 1940 a 1980 pode ter sido por diversos fatores tais como: pelo desenvolvimento do comércio, devido a economia da cera; pela migração de pessoas vindas de outros estados; ou até mesmo pelo êxodo rural. Como se sabe o sistema fundiário brasileiro desde sua colonização se deu de forma desigual e privilegiando poucos donatários que recebiam grandes faixas de terras com objetivos de

⁷ HOLANDA, Manuel Gomes de. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 14 julho de 2016

favorecer a coroa portuguesa. Já se passaram vários sistemas de governos, como o imperial, a República, o governo comandado pelos militares etc. cada qual com suas características que marcaram épocas, mas não se fez muito pela reforma agrária e as desigualdades permanecem afetando trabalhadores do campo que não conseguem concorrer com a modernização e mecanização de atividades produtivas, além disso, muitos são obrigados a trabalhar em terras cedidas pelos patrões, trabalhando em duras condições sem nenhuma garantia trabalhista. (CANTUÁRIO, 2013).

De acordo com Joaquim Cantuário (2013) o trabalhador rural em Campo Maior era submetido a toda forma de exploração que se possa imaginar, sendo que não tinham praticamente direitos a nenhum benefício:

O arrendamento caro era apenas um ponto da relação humilhante que a eles era imposta, em algumas situações o agregado era proibido de criar animais como: suíno, bode, ovelha para ajudar na manutenção da família, em algumas situações quando o proprietário tomava conhecimento mandava matar, alegando prejuízos nas pastagens (CANTUÁRIO, 2013, p.33).

A inserção dos trabalhadores rurais na cena política de Campo Maior ocorreu através do Movimento de Educação de Base, bem como, através do Apoio da arquidiocese de Teresina com D. Avelar, que acreditava numa filosofia de libertação Cristã, e assim assessoraram as primeiras organizações sindicais dos trabalhadores e “orientava como fundar os sindicatos, organizar a luta no campo e manter contato com outros trabalhadores rurais” (CANTUÁRIO, 2015, p.33). Essas colocações nos ajudam a entender as duras condições de vida dos trabalhadores rurais em Campo Maior, isso também impulsionou a mudança desses trabalhadores para a cidade em busca de emprego, acesso a saúde e educação.

Quanto a minha situação como Campomaioense, eu sou rurícola, nasci na propriedade rural, interior de Campo Maior de nome “Rudiador”, fui batizado na igreja de Nossa Senhora de Nazaré, hoje cidade de Nazaré, naturalmente não me dei bem com o campo, não nasci para agricultor, nasci para as Letras e assim pedi permissão para os meus pais para sair de casa quando completei quatorze anos, naturalmente procurei a cidade de Campo Maior, meu foco era estudar como na realidade ainda hoje é, tenho me dado bem na minha vida, eu não faço outra coisa se não me dedicar a escrever e a estudar, fui comerciário pra me manter durante a minha vida em Campo Maior, depois alcancei um concurso público federal, sou da polícia rodoviária federal [...](ALVES FILHO, 2017)

João Alves Filho (2017) em sua fala mostra outro fator que atraía algumas pessoas para vir morar em Campo Maior, pois o campo não fornecia condições para quem pretendia seguir uma carreira baseada nos estudos. Embora, João Alves Filho tenha obtido êxito nos seus estudos e em sua vocação para as letras, não podemos afirmar que outros que vieram morar na cidade em busca de melhores oportunidades tenham conseguido alcançar os mesmos objetivos, através da inserção em um cargo público, pois como foi mostrado anteriormente, seu José Airton Mendes Silva, “até hoje espera o seu emprego federal que nunca chegou”. Nesse período, em Campo Maior percebemos a preocupação do poder público e de autoridades locais como o Padre Mateus Rufino⁸ com a criação de escolas como o Ginásio Santo Antônio, fundado em 1946. Natália de Oliveira (2015) em sua obra faz uma explanação sobre a importância desse Padre para a cidade e suas contribuições na área religiosa e em várias questões de assistência social.

O Padre Mateus transformou a casa paroquial em casa de estudantes. Os jovens que chegavam para o internato vinham de diversas cidades como Barras, Porto, Nossa senhora dos Remédios, Castelo, Piripiri, Pedro II, Capitão de Campos e do interior de Campo Maior (OLIVEIRA, 2015, p. 76)

Outra iniciativa do padre Mateus Rufino que repercutiu muito na vida dos Campomaiorenses foi quando ele decidiu demolir a antiga igreja de Santo Antônio erigida no século XVIII e construir um templo mais moderno com a capacidade de comportar um número maior de fiéis, essa atitude causou entusiasmo para alguns, e descontentamentos para outros. Para Natália de Oliveira (2015) as motivações que levaram o Padre Mateus a demolir a antiga igreja podem ter relação com a necessidade que ele via em ampliar o espaço de modo a aglomerar um número crescente de fiéis presente nas celebrações, além disso, o vigário podia querer acompanhar o movimento de renovação litúrgica e pelos novos anseios do Concílio Ecumênico Vaticano II, que procurava aproximar cada vez mais os fiéis aos rituais litúrgicos empregando “modernos meios técnicos, que fiéis possam não só ver, mas também ouvir sem dificuldades o celebrante e os ministros” (SAGRAGA, 1964, apud OLIVEIRA, 2015, p.91).

Para Jacques Le Goff (2003, p.175) a consciência de modernidade nasce de um sentimento de ruptura com o passado e ela se dá “pela atitude dos indivíduos, das sociedades e

⁸ Padre Mateus nasceu em Ipiranga-PI, no dia 05 de julho de 1915, filho de Joaquim Rufino Silva e de Maria Cortez da Silva. Estudou em Oeiras, quando decidiu seguir a carreira sacerdotal, foi morar em Teresina, onde permaneceu até 1935. Em 1939 foi ordenado Diácono, em 1940 Foi ordenado sacerdote em 08 de dezembro de 1940 em Teresina. Atuou como vigário cooperador da paróquia Nossa senhora da Conceição em Valença do Piauí, Mas a primeira a paróquia em que foi responsável de forma direta foi em Campo Maior na paróquia de Santo Antônio. (OLIVEIRA, Natália, 2015)

das épocas perante o passado, o seu passado” uma vez que as motivações para a demolição do antigo templo deviam-se ao crescimento urbano e “precisava” de um templo maior, e muitos consideravam necessária a construção de um novo templo, dessa forma, de acordo com Natália Oliveira (2015) até mesmo os fiéis se empolgavam com esse “espírito” de renovação da paróquia, pois:

O espaço religioso, que antes timidamente na paisagem, agora, de forma suntuosa, surge como um elemento cultural na paisagem. Não se busca aqui menosprezar o templo antigo que tombou, mas evidenciar uma mudança significativa que ocorreu na cidade com relação aos espaços sagrados, uma mudança que vai se diferenciar de muitos dos templos do restante do estado, que optara, mesmo em meio a tantos novos ditames, por manter-se em sua forma original, como é o caso de Oeiras e Piracuruca (OLIVEIRA, 2015, p. 95.)

Foto 03: foto da Avenida Demerval Lobão entre 1950-1960.



Fonte: Autor desconhecido, arquivo de domínio público, Paulo (2016)⁹

Na imagem nº 03 percebemos a principal avenida comercial que foi se constituindo com o crescimento do comércio na cidade, no fundo da foto observa-se a nova igreja em fase de construção, a antiga igreja foi demolida no dia 04 de agosto de 1944. A nova igreja mais bela e suntuosa foi concluída e abençoada solenemente pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela somente no dia 15 de agosto de 1962. Observa-se que a foto 03 foi tirada entre 1950-1960, uma vez que a igreja estava sem a torre e a construção foi concluída depois de 18 anos.

⁹Disponível em: <https://scontent-gru2-1.xx.fbcdn.net/v/t1.09/1234189>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

A avenida não era muito movimentada com o trânsito de veículos e ainda existiam muitas residências próximas aos comércios. Entende-se que essas transformações na cidade também foram acompanhadas e instituídas pela prefeitura que interferiu nas relações de planejamento urbano com o intuito de trazer o progresso¹⁰ para a cidade através da demolição de prédios públicos como foi o caso do antigo mercado, alargamento de ruas, construção de estradas e pontes. Essas iniciativas objetivam trazer melhorias para facilitar o comércio e torná-la mais urbanizada.

Além da construção da nova igreja na cidade que também contou com o apoio do prefeito Waldeck Bona¹¹, houve várias melhorias instituídas pelo poder público municipal que vinham na tentativa de fornecer a energia elétrica a população e fornecimento de água encanada, haja vista que a energia elétrica chegou à cidade pela década de 1930, de forma muito precária, seu funcionamento se dava das 18h00min até as 23h00min, e era fornecida pela Usina Elétrica “04 de Outubro” que gerava muito despesas para prefeitura e ainda não conseguia fornecer energia de qualidade para seus habitantes, sendo que seu fornecimento se concentrava no centro da cidade.

Em 1948 o prefeito João de Deus Torres enfrentava sérios problemas em relação ao fornecimento de energia na cidade, era necessária a compra de máquinas que custavam muito caro ao município o qual se encontrava com poucos recursos para essa aquisição, portanto o prefeito por meio do projeto lei nº 3 de julho de 1948 abriu uma concorrência pública para compra de todo material necessário a restabelecimento de energia elétrica na cidade que estava às escuras, e tinha o objetivo de restabelecer a energia pelo menos das principais praças da cidade, meio que de forma provisória, como se compreende pelo decreto nº 28 de julho de setembro de 1948 que autoriza o prefeito a adquirir um “grupo gerador motor” para restabelecimento de energia nas principais praças da cidade enquanto não fosse firmado contrato com a empresa que forneceria energia elétrica a cidade:

Todos sabemos que as praças Rui Barbosa e Bona primo são os centros de maior movimentação da cidade e que, como tal, carecem de serem iluminadas seja para prevenir possíveis infratores da lei, seja para proporcionar ao nosso povo um maior conforto, eis que são também seu ponto recreativo, além disso, ocorrem que em circunstâncias, de entre um e

¹⁰ O termo progresso está ligado a tomada de consciência de uma modernidade uma vez que se refere a valorização da razão, da técnica como uma forma de trazer o desenvolvimento político, social e econômico para a cidade

¹¹ Nasceu em Campo Maior, era membro da tradicional família Bona, foi prefeito no período de 06 de maio de 1946 a 06 de maio de 1947; e de 21 de abril de 1948 a 30 de janeiro de 1951 pela coligação do PSD. Era comerciante, fazendeiro desempenhava forte influência na política local.

outros locais previstos, está situada a nossa igreja matriz onde as práticas religiosas constantes fazem afluir toda nossa gente. Carecem, pois, de serem iluminadas; e pela marcha demorada dos atos públicos, sabemos que também não é possível, antes de seis meses, estarem adquiridas as máquinas que devem compor a nova usina elétrica da cidade (CAMPO MAIOR, 1948)

Entende-se que havia uma preocupação do poder público em fornecer a energia elétrica aos cidadãos, no entanto isso era muito limitado ao centro da cidade. Os serviços ainda eram precários, pois depois das 23h00min horas apagavam-se as luzes e as pessoas usavam lampião a gás ou lamparinas, a modernização do abastecimento de energia elétrica só veio chegar à cidade com a Companhia de Energia Elétrica do Piauí (CEPISA) como se percebe na fala de dona Raimunda:

[...] A luz chegava seis horas, aí quando dava dez horas, a luz ia embora, ficava no escuro[risos] era desse jeito! Aí depois passou [...] veio a Cepisa, aí foi que melhorou [...]ah, foi beleza! Aí a gente podia ter todo eletrodoméstico, porque antes não podia, porquê de dia não tinha energia, aí era ruim demais assim, não tinha geladeira, mas a gente antes bebia água de pote. Na década de 70, por aí assim, com a chegada da Cepisa é que podia usar a geladeira elétrica, pois a da usina não dava certo não, nem ventilador nem nada[...] (FONTINELES, 2017)

Outro serviço que trouxe melhorias e comodidade a população foi a modernização do abastecimento de água na cidade pelo decreto lei nº 389 de 30 de janeiro de 1959, que instituiu os serviços de água e esgoto, no qual ficou estabelecido como deveria ser fornecido o abastecimento de água, e também constituiu na criação do cargo de diretor e assistente para administrar e se responsabilizar pelo fornecimento desses serviços à população. Verifica-se que foi um grande avanço na cidade, pois até então as casas eram servidas de água de forma bastante precária como se percebe no relato de seu Raimundo J. de Cardoso Brito (2017):

Na verdade, eu vivi uma cultura de buscar água nas cacimbas, na Lagoa do Barro e no Açude Grande, como você vê, ali ao lado, não tem a Praça Valdir Fortes? Não tem o Hotel Pousada do Lago? ali funcionava três cacimbões, ali o pessoal pegava água nas roladeiras que era colocada nos animais, era como se fosse uma ancoretta bem grande nos animais, era uma água azul, limpa que era uma beleza, eles abasteciam a cidade e a gente ia lá para buscar a água no cambo, em lata, carregava no ombro, chegava em casa, botava um pano na boca do pote e coava a água, essa tradição tipo indígena para tirar os “cisquinhos”, aí não tinha geladeira naquela época tudo era muito rústico e a gente bebia do pote [...] (BRITO, 2017)

Como se percebe ainda houve uma demora para que acontecesse a modernização do serviço de abastecimento de água encanada na cidade, as pessoas de posses perfuravam poços no próprio quintal de suas casas, as pessoas de poucas condições tinham que ir buscar água nos poços do açude grande, ou nas cacimbas e lagoas da cidade. Essas mudanças em relação ao fornecimento de energia e água canalizada significaram muito para população, haja vista que pela memória dos entrevistados, remete ao período de dificuldades que eles enfrentavam pela falta desses serviços ou pela precariedade de fornecimento. Somente após a chegada da Cepisa¹² e constituição do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) na percepção dos entrevistados, as coisas ficaram mais fáceis, houve avanços na cidade, de forma que trouxe mais comodidade e conforto, foi possível adquirir eletrodomésticos como a geladeira, ventilador e outros, embora não seja possível afirmar que todos os habitantes tiveram acesso de imediato as inovações que iam ocorrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Campo Maior passou por intensas transformações entre 1940-1980 através de novas construções e obras pela iniciativa do poder público, algumas ocorreram de forma autoritária, outras fundamentadas pelo discurso de trazer o bem da coletividade, pois prometiam trazer para a cidade o progresso com ruas mais limpas, saneadas, arborizadas e iluminadas. Algumas intervenções foram recebidas até com entusiasmo pela população, uma vez que trouxeram mais conforto e comodidade, onde se tem como exemplo a chegada da energia elétrica e o abastecimento de água encanada à população.

Outras obras, para descontentamento de muitos acabaram destruindo alguns patrimônios de valor histórico cultural para a cidade como foi o caso da demolição da antiga Igreja de Santo Antônio, e a demolição do antigo mercado localizado na praça Cel. Miranda, onde foi erigida a sede da nova prefeitura com um modelo arquitetônico mais moderno. O Comércio também se intensificou bastante no município provocando a reestruturação de muitas ruas, avenidas que foram pavimentadas e alargadas para maior circulação do trânsito.

Acredita-se que o processo de modernização urbana chegou em Campo Maior de forma tardia, no entanto causaram muitas transformações que repercutiram na vida de seus habitantes. Muitos fatos continuam silenciados sobre esse processo sendo difícil identificar

¹²Companhia Energética do Piauí S/A

quais percepções dos agentes envolvidos. Reitera-se que a pesquisa está em fase de construção e aberta a novas descobertas, por isso, não se extingue aqui, esse trabalho mostra apenas uma parte da pesquisa e visa abrir debates acerca do tema, possibilitando o diálogo e o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às transformações urbanas na cidade de Campo Maior.

Referências

Bibliografia

- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: aventura na modernidade**. São Paulo: SchwarczLtda, 1989.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Dados Demográficos, Econômicos, Políticos e Sociais**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em 15 de nov. 2016.
- BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.
- CANTUÁRIO, Joaquim Luiz. **Trajetórias dos movimentos sociais de Campo Maior: “avanços e retrocessos”**. Edição do autor. Campo Maior, 2015.
- CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. 2. ed. Teresina: UFPI, 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- LIMA, Francisco de Assis. **Campo Maior em Recortes**. Campo Maior: edição do autor, 2007.
- LIMA, Reginaldo Gonçalves de. **Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia**. Teresina-PI: Editora Júnior Ltda., 1995.
- MELO, Cláudio. **Os primórdios na nossa história**. Teresina: [s.n.] 1983.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015.
- OLIVEIRA, Natália; Afonso, Alcília. **Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior**. Teresina: Halley, 2015.
- PEREIRA, Raimundo N. Bitencourt. **Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)**. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campina Grande- Paraíba, 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992, p.20.
- PONTE, Rogério Sebastião. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social 1860-1930. Fortaleza: fundação Demócrito Rocha/Multigraf editora Ltda, 1993.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2006.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADAO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. P.93-102
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevistas

- SILVA, José Airton Mendes da. **Entrevista** concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 18 de julho de 2016.
- HOLANDA, Manoel Gomes de. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, julho de 2016.
- FONTINELLES, Raimunda Lopes. **Entrevista** concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 15 de maio de 2017.
- ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 05 de maio de 2017.
- BRITO Raimundo José Cardoso. **Entrevista** concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 05 de maio de 2017.

Documentos Oficiais

- CAMPO MAIOR. **Lei nº 389, de 30 de janeiro de 1959**. Institui o serviço de água da prefeitura municipal de Campo Maior, cria cargo de diretor e assistente e dá outras providências. Campo Maior, 30 de julho de 1959.
- CAMPO MAIOR. **Lei nº 776, de 7 de maio de 1970**. Que dispõe sobre o abastecimento d'água em Campo Maior. Campo Maior, 07 de maio de 1970.
- CAMPO MAIOR. **Projeto Lei nº 28 de 09 de setembro de 1948**. Que autoriza o prefeito adquirir grupo motor gerador para iluminar as praças Bona Primo e Ri Barbosa e abre crédito especial de (Cr.₡ 25.000.00) para atender a autorização. Campo Maior, 09 de setembro de 1948.
- CAMPO MAIOR, **Projeto lei nº 50/1949**. Que abre crédito para a construção de um novo cemitério no bairro São João, Campo maior, 01 de julho de 1949.

Recebido em: 25 de março de 2017.

Aprovado em: 15 de novembro de 2017.